

## NO COMANDO: MULHERES NA LIDERANÇA NA MÍDIA TELEVISIVA

Alvanita Almeida Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Aparecem, agora com alguma frequência, mulheres em posição de comando, em produções de mídia, como filmes e séries de televisão. Tomando como base as teorias sobre relações de gênero e análise de discurso crítica, faço um recorte, neste trabalho, de séries de televisão para analisar o perfil da mulher apresentada como chefe, em séries de investigação policial – Law and order, CSI e Criminal Minds –, considerando que gênero é uma categoria de análise relevante para essa representação, uma vez que se observa historicamente uma dificuldade de aceitação de mulheres em cargos de chefia, especialmente em áreas como a policial, com o estabelecimento de estereótipos para aquelas que chegam a tal patamar.

**Palavras-chave:** mídia, relações de gênero, discurso

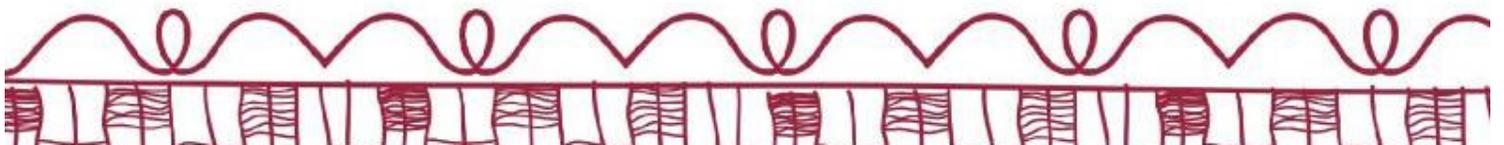
A liderança não está entre os atributos considerados femininos. A única direção permitida às mulheres, ao longo da história recente da humanidade, pensando no mundo Ocidental, foi a da educação dos filhos, no espaço restrito do lar. Epítetos dados às mulheres tornaram-se senso comum, quando se trata de situações de comando ou direção: piloto de fogão, operadora de máquina de lavar são dois dos mais frequentes e remetem a uma ideia de que é o espaço da cozinha o único em que a mulher manda. Nas representações culturais, é no universo da casa, ou de algo ligado a ele, que as mulheres são representadas. No entanto, é cada vez mais comum a presença de mulheres em posição de comando, nas diferentes áreas profissionais, embora, em boa parte dos casos, elas sofram um tratamento diferenciado e precisem se impor nesse espaço.

Nessa atuação, as mulheres tem sido representadas nos produtos culturais ocupando estes novos papéis sociais, reforçando estereótipos ou repensando-os, criticamente. Entre os diversos produtos culturais, estão as séries de televisão, veículo também de valores, crenças e de engendramento de novas identidades. As categorias de gênero, classe, etnia e geração estão fartamente representadas, cabendo aos interlocutores uma visão mais crítica acerca das relações evidenciadas em tais produções.

Alguns estudos tem sido feitos acerca das relações de gênero na mídia, considerando a publicidade, os filmes, programas de televisão e revistas, tais como o

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas, Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia. E-mail: [alvanitaalmeida@ufba.br](mailto:alvanitaalmeida@ufba.br).



conjunto de artigos reunidos em *Gêneros em discursos da mídia*, organizados por Susana Bornéo Faunck e Nara Widholzer. Eles mostram uma preocupação em observar o que a mídia tem veiculado.

Entendendo a importância dos produtos culturais no âmbito da constituição de formas de pensar e na indução a formas de comportamento, pretendo aqui analisar séries de televisão como um produto de grande impacto social, uma vez que tem persistido às várias mudanças na mídia televisiva. Elas tem um sucesso tão grande que, nos canais fechados estendendo-se aos canais abertos e, portanto, atingindo grande número de pessoas, há uma proliferação de novas séries.

Como um produto cultural importante, programas de televisão reproduziram os modelos sociais. No entanto, espaços em que antes se apresentavam somente homens começam a ser também o palco para algumas mulheres. As mídias contemporâneas, com o propósito de atender a diferentes nichos de mercado, tem proposto outros perfis. A observação de que as restrições às mulheres tem sido quebradas, sobretudo a partir do momento em que elas passaram a ser consumidoras dos produtos de mídia, tendo a condição de pagar por serviços de canais fechados de televisão, fez com que a emissoras se preocupassem em construir algo que as satisfizesse. Isso corrobora a afirmação de Kellner, que discute o lugar comum de que a mídia atende apenas ao interesse das classes que possuem e controlam os meios de comunicação. Ele entende que forças conflitantes encontram-se na cultura veiculada pela mídia, o que indica que outros sujeitos sociais, mesmo não detendo o poder de controle direto, exerce uma força que faz com que os meios de comunicação tenham que ceder a outros interesses. Diz Kellner:

Portanto, enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso. Consequentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constituem... (KELLNER, 2001, p. 27)

Não se pode mais afirmar que os sujeitos recebem passivamente o que as mídias oferecem, embora também não se possa dizer que suas produções não são responsáveis por participar da formação de valores e desejos. “Em nossas interações sociais, as imagens produzidas para a massa orientam nossa apresentação do eu na vida diária,

nossa maneira de nos relacionar com os outros e a criação de nossos valores e objetivos sociais.” (KELLNER, 2001, p. 29) As produções midiáticas contribuem, assim, também para a construção ou consolidação de identidades.

Para analisar produtos de mídia, é preciso observar o conjunto de seus elementos que envolvem a imagem, a que se tem prestado muita atenção dada a forma como a imagem é mais rapidamente absorvida pelo espectador. Há estudos para mostrar como a imagem age mais rapidamente no cérebro do espectador se comparado às palavras que o mesmo ouve. É certo que é o que primeiramente vemos ao assistir a um filme, ao observar um cartaz de publicidade, ao assistir aos programas de televisão, mas os discursos ali veiculados também são muito fortemente marcados. E, de forma subjacente, entranham-se no imaginário coletivo, interferindo nas nossas configurações do mundo.

É a partir da perspectiva da análise de discurso crítica que tomo discurso aqui como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também modo de representação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Assim, através dos discursos que produz, os sujeitos agem sobre o mundo que os cerca, interferindo no comportamento dos outros sujeitos, de forma dialética, uma vez que todos estão no mesmo processo de construção/desconstrução de identidades. Há que se estabelecer um diálogo, porque não se pode pensar que aquele que interage é apenas um receptor de informações. Ainda de acordo com Fairclough (2001), pensa-se o discurso como prática social.

Nos programas de televisão, as falas dos personagens parecem uma ação espontânea, mesmo quando o espectador sabe que saem de roteiros construídos por profissionais especializados. Em geral, há já um modelo previamente estabelecido. Tais falas procuram representar pessoas reais. E cria-se uma ilusão de realidade, mesmo quando se alerta para o fato de se tratar de ficção e não corresponderem a personagens reais. Na abertura de uma das séries aqui trabalhadas, Law and order, temos:

*No sistema judiciário criminal, o povo é representado por dois grupos distintos porém igualmente importantes: a polícia, que investiga os crimes, e os promotores de justiça que processam os ofensores. Estas são as suas histórias.*

“Estas são suas histórias”. A afirmação que se repete a cada episódio faz o espectador acreditar que são histórias verdadeiras. É certo que elas são baseadas em fatos reais, uma vez que os roteiristas tomam como ponto de partida situações que

ocorreram de fato envolvendo casos policiais. Mas, embora tentando ser realista, é preciso observar que se trata da construção de um cenário, a partir de uma perspectiva. Nem sempre o público apresenta uma avaliação crítica e tende a acatar as ideias colocadas. Embora se entenda que o público não faz apenas repetir o modelo, como mostram as reações com comentários dos telespectadores, após os episódios iram ao ar, observa-se que existe uma busca de identificação nestes comentários. Nos vários blogs, sites que tratam das séries, as opiniões apresentadas por pessoas que acompanham regularmente as séries mostram uma ligação com os diferentes personagens.

Meu coração ficou na mão, sofri junto com o Hotchner, e quando o vi colocando sua fúria pra fora, até alívio eu senti, o episódio acabou, fiquei numa espécie de transe por um tempo. Depois chorei copiosamente.<sup>2</sup>

As séries que analiso são Law and order, Criminal Minds e CSI (Crime Scene Investigation). A escolha se dá, além do limite do artigo, pelo fato de se constituírem de séries de sucesso entre o público americano e no Brasil. Law and order foi também veiculada em canal aberto (Rede Record, Band e Rede Família), assim como CSI.

Law and order e CSI são uma matriz com desdobramentos. A primeira tem continuidade em Law and order: CI (Criminal Intent) e Law and order: SVU (Special Victims Unit) e a outra em CSI: Miami e CSI: Nova Iorque. Em todas elas, as personagens femininas tem relevo. Estão em termos de hierarquia equiparadas com personagens masculinos. Mas é nas matrizes que encontramos mulheres em cargos de chefia. A escolha de uma delas deveu-se ao propósito de analisar como são configuradas as mulheres em posição de comando.

Em Law and order, uma parte do episódio concentra-se na investigação do crime e uma segunda parte na atuação dos promotores para tentar condenar o suspeito. Na primeira parte, as investigações são feitas por dois investigadores homens comandados por uma mulher. Em CSI, o grupo era chefiado por um homem, mas na décima temporada, a supervisão dos peritos ficou nas mãos de uma mulher, com a saída de Grisson. E em Criminal Minds, ainda que a chefia da equipe seja feita por um homem, há uma mulher em posição hierárquica maior que a desse chefe.

Law and order é a série americana que está há mais tempo no ar, desde 1990, caminhando para sua vigésima temporada. Até a quarta temporada, a chefia do grupo

---

<sup>2</sup> Depoimento de uma fã da série Criminal Minds, após a quinta temporada, em <http://blogna.tv/2010/01/17/criminal-minds-resumo-da-5-temporada>

era feita pelo Capitão Donald Cragen (Dann Florek), que agora está em Law and order: SVU. A partir da quinta temporada assume a chefia a Tenente Anita Van Buren (S. Epatha Merkerson), mulher e negra.

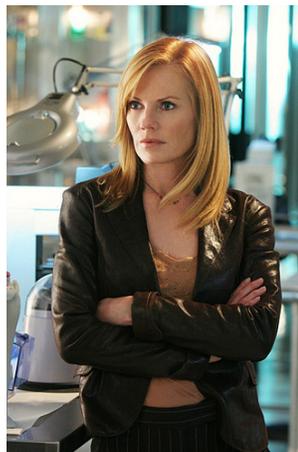


Anita Von Buren (S. Epatha Merkerson)

Ela é apresentada como uma mulher forte e decidida. Há episódios, inclusive, nos quais ela toma para si a função de interrogar os suspeitos. Na última temporada, ela enfrenta um câncer, sem dizer nada na delegacia e sem interromper seu trabalho. Tem um estilo irônico. Ao ser informada sobre a investigação e sobre o que disse o suspeito, ela comenta: “E ele não mente nunca, não é”? Ela lida com os seus investigadora de forma a instigá-los com perguntas como essa, para que consigam a elucidação dos casos.

CSI é também uma série de sucesso. Foi ao ar nos Estados Unidos em outubro de 2000 e, no Brasil, em abril de 2001. Trata-se de um grupo de peritos que se ocupa de analisar a cena do crime para buscar evidências, utilizando procedimentos científicos. Até a nona temporada, a chefia do grupo de peritos era realizada por Grisson, mas ele sai, após a morte de um dos CSI (Warrick Brown) com quem tinha forte ligação, e Catherine Willows (Marg Helgenberger) assume o seu lugar, na supervisão do turno noturno. Grisson era entomologista, especialista em insetos, através dos quais determinava o tempo em que a vítima tinha morrido. Catherine é bacharel em Ciências em Tecnologia Médica, é analista em marcas de sangue. Uma das questões que se colocam com relação à personagem é o seu passado como dançarina e o fato de ter uma

filha, mostrando-a dividida entre a profissão e a função de mãe. Após um período de atuação, Catherine busca saber sobre sua atuação como chefe, consultando Nick Stokes (George Eads). Na comparação que ela sugere com Grisson, Nick afirma que a diferença é que Grisson tinha a ela (Catherine), que de alguma forma lhe dava suporte. Então, Catherine promove Nick a supervisor, uma forma de ter também este suporte.



Catherine Willow (Marg Helgenberg)

Nos últimos episódios de CSI, a personagem que ocupou a vaga de Grisson, apesar de não ter ocupado o cargo de chefia, tem recebido maior visibilidade que Catherine. Trata-se do CSI Raymond Langston (Laurence Fishburne), médico que fazia palestras e ajuda os CSI em uma investigação. Ele é um CSI nível 1, em patamar inferior aos demais (que são 2, 3 ou 4), pois é o mais novo entre eles e supostamente está ainda aprendendo.

Criminal Minds trata da atuação dos agentes do FBI, que entram em cena quando é necessário analisar perfis de assassinos em série. Especialista em comportamento, a equipe é chefiada por Aaron Hotchner (Thomas Gibson). No entanto, acima deste personagem está uma mulher, Erin Strauss, cujo trabalho é ficar na administração, ela não tem experiência de campo. Na série, é uma personagem secundária, que aparece em poucos episódios. Destacou-se no episódio em que questiona a liderança de Hotchner, com relação à equipe e informa que ele está sendo observado. Ela interroga os outros agentes a respeito de Hotchner. Por causa da pressão, Hotchner transfere temporariamente a liderança para Derek Morgan.

Apesar de ser apresentada como uma personalidade fria e rancorosa, mostra-se sensível à situação de Hotchner que fica impedido do contato com o filho e a ex-esposa,

por causa do caso de Foyet, um assassino em série que toma como objetivo derrubar Hotchner.



Erin Strauss (Jane Atkinson)

A maioria das séries de investigação policial, foco deste trabalho, coloca homens em cargos de chefia, na verdade, reproduzindo uma realidade da nossa sociedade. Mesmo em países mais desenvolvidos e com histórico de luta contra a discriminação da mulher, elas ocupam uma percentual desproporcional ao dos homens.

Espaços que se consolidaram como sendo exclusivos de homens, com a alegação de que seria necessário um perfil relacionado com a força física e mesmo de uma inteligência diferenciada, são difíceis de serem ocupados por mulheres. Muitas até desistem dadas as exigências que lhe são feitas e os comentários que ouvem. Mas as que conseguem também precisam brigar pelo respeito. No depoimento de algumas delegadas brasileiras, elas dizem que precisaram reafirmar seu espaço constantemente, e provar que podiam exercer a função tanto quanto os homens. Isso se evidencia a partir de um discurso que questiona a capacidade da mulher.

Para se afirmar nesses espaços, a mulher às vezes abandona elementos que compõem sua identidade, como maquiagem, uso de vestidos. É certo que, quando sua

atuação exige sua participação em campo, a roupa é fundamental, em termos de praticidade.

Nos perfis observados, Anita Van Buren, Catherine Willlows e Erin Strauss mostram-se como tipos bem diferenciados. Todas são mulheres maduras, o que acontece também com os homens. A experiência é um fator que as leva aos cargos de chefia. Duas são loiras e uma é negra, um preconceito a mais a ser superado. A linguagem das roupas também se destaca. Roupas sóbrias, próprias também para o ambiente policial, embora Catherine use um vestuário que acentua suas formas, como a lembrar que ela foi dançarina.

Das três personagens analisadas, a que se destaca é a delegada de Law and order, Anita Von Buren, que, apesar de trabalhar basicamente no escritório – são os investigadores que vão às ruas –, tem uma intervenção acentuada. Catherine ainda não parece ter conseguido se destacar entre os subordinados, como se percebia com seu antecessor, Grisson. E Erin é obscurecida por sua função mais administrativa, como personagem secundária, embora tenha o poder de destituir do cargo Hotchner e os demais agentes.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

As mulheres conquistaram o direito de disputar com os homens os cargos de comando. No entanto, tem que enfrentar ainda o preconceito relacionado à sua capacidade de liderança. A sua presença em séries de televisão são um indicador positivo, pois, ao considerarmos que a mídia veicula modelos, mesmo considerando os estereótipos, é uma forma de mostrar para outras mulheres que este é um espaço que pode ser também ocupado. A posição de chefe e, mais especificamente, chefe de uma delegacia de polícia não é incompatível com as características femininas e as mulheres podem lidar com as questões que são postas para esta situação. Colocando as personagens em situações que problematizam as relações apresentadas, as séries estudadas dão a possibilidade de se repensarem os papéis sociais destinados às mulheres e de se ressignificarem os paradigmas, além de fazer com que se pensem as relações entre os sujeitos envolvidos: homens e mulheres.

## **REFERÊNCIAS**

FUNCK, Susana Bornéo & WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Mulheres/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. De Ivone Castilho Benedetti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

FAIRLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. De Tradução Izabel Magalhães. Brasília: /editora da UnB, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.